

CULT

20
anos

229 ano 20
novembro 2017
R\$16,90

REVISTACULT.COM.BR

ENTREVISTA

**ANA MARIA
GONÇALVES**

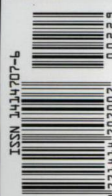
AUTORA DE
UM DEFEITO DE COR
FALA SOBRE SEU
NOVO LIVRO,
QUEM É JOSENILDO?

DOSSIÊ

CLARICE LISPECTOR

RARA E INÉDITA

NÁDIA BATTELLA GOTLIB, APARECIDA MARIA NUNES E
ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS COMPARTILHAM SUAS PESQUISAS
E MEMÓRIAS SOBRE A OBRA E A VIDA DA ESCRITORA



DOSSIÊ



CLARICE LISPECTOR

RARA E INÉDITA

Clarice Lispector, Rio de Janeiro,
década de 1930

EM BOA COMPANHIA CRÍTICA

Desde o seu surgimento, na década de 1940, a obra de Clarice Lispector vem sendo responsável por momentos de excelência nos estudos literários brasileiros

WELINGTON ANDRADE

“...tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim”. Com essa franca declaração aos leitores da coluna semanal “Notas de Crítica Literária”, que manteve entre 1943 e 1945 no jornal Folha da Manhã, Antonio Candido saudava, em 16 de julho de 1944, o raiar de Clarice Lispector no panorama literário brasileiro. Antes dele, Sergio Milliet e Álvaro Lins também já haviam notado a complexa sensibilidade da escritora estrepante. Em 15 de janeiro daquele mesmo ano, Sergio, em artigo publicado em O Estado de S.

Paulo, haveria de se referir a ela por meio de um qualificativo que se tornaria famoso – [escritora] “de nome estranho e até desagradável, pseudônimo, sem dúvida” –, do qual a própria autora lembrar-se-ia em sua última entrevista, concedida em 1977 ao jornalista Julio Lerner para a TV Cultura de São Paulo. Em fevereiro de 1944, seria a vez de Álvaro Lins descobrir o talento para a literatura da então jovem jornalista ucraniana naturalizada brasileira. No artigo “A experiência incompleta: Clarice Lispector”, publicado no Jornal de Crítica, ele observa: “O que se deve fixar, antes de tudo, em *Perto do coração selvagem*, será exatamente aquela personalidade da sua autora, a sua ➡

1920

Nasce no dia 10 de dezembro, em Tchetchélnik, na Ucrânia, filha de Pinkhouss e Mânia.

1922

A família chega ao Brasil, em Maceió, a bordo do navio Cuyabá.

1925

Muda-se para Recife. Clarice teve infância modesta: o pai trabalhava como mascate.

1935

Muda-se com os familiares para o Rio de Janeiro. Estuda no Colégio Sílvio Leite e quatro anos depois ingressa na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, atual faculdade de Direito da UFRJ.

1940

Publica seu primeiro conto “Triunfo” no dia 25 de maio na edição nº. 227 da revista Pan.

DOSSIÊ | CLARICE LISPECTOR RARA E INÉDITA

estranha natureza humana (...)”. A partir de então, a obra da autora passou a lograr uma recepção crítica das mais fecundas nos estudos literários brasileiros, sendo objeto de análise não somente de artigos em jornais, como também de textos em revistas diversas e periódicos acadêmicos, de estudos e ensaios publicados em livros, de livros inteiramente dedicados às criações claricianas e de dissertações e teses universitárias. A quantidade de itens que compõem essa fortuna crítica é enorme e só faz crescer – o que nos leva a selecionar somente uma ínfima parte deles, mesmo sob o risco de parecermos injustos com a maioria quase absoluta que não estiver aqui citada. (Caso quiséssemos tratar ainda da recepção crítica internacional, a tarefa seria inalcançável no exíguo espaço de que dispomos.)

Na área da biografia, *Clarice Lispector: uma vida que se conta*, da professora Nádia Battella Gotlib, livre-docente pela Universidade de São Paulo, constitui uma obra de referência, a única até agora concebida com o necessário rigor para tratar tanto dos dados de caráter biográfico como de considerações críticas a respeito da produção literária e jornalística da escritora. Nas mais de seiscentas páginas em que se que

dedicou a refazer o profícuo itinerário biográfico-crítico de Clarice, Nádia promove um diálogo entre ambas as esferas, evidenciando as relações que há entre literatura e biografia, história e ficção. A ideia não é esgotar a personalidade artística da escritora, e sim oferecer aos seus leitores inúmeras possibilidades de compreensão da obra, que passam, por exemplo, por suas origens ucranianas judaicas, pelo solo nordestino da infância e da pré-adolescência, pela atmosfera cultural do Rio de Janeiro na década de 1940, pelos países europeus e pelos Estados Unidos, onde ela viveu por cerca de uma década e meia, e pela capital carioca que novamente a acolheu nas décadas de 1960 e 1970, quando então veio a falecer.

Deixando-se contaminar pela mesma sensibilidade de sua personagem, Nádia assim conclui o texto de apresentação de seu admirável trabalho: “Próxima. Distante. Vaidosa. Terna. Sofrida. Lisérgica. Vidente. Visionária. Intuitiva. Adivinha. Estrangeira. Enigmática. Simples. Angustuada. Dramática. Judia. Insolúvel. Esses são alguns dos traços que compõem os diferentes perfis de Clarice, diferentemente vistos pela empregada, pela vizinha, pelos parentes, amigos, jornalistas, críticos,

A LEITURA DE ALGUNS TÍTULOS QUE COMPÕEM A RICA E EXTENSA FORTUNA CRÍTICA DE CLARICE LISPECTOR FUNCIONA COMO ANTÍDOTO CONTRA A VIDA MODERNA, AMEAÇADA DE SE DEIXAR SOTERRAR PELO MACIÇO CONSUMO DE VULGARIDADE

1942

É registrada como repórter do jornal *A Noite*. Segue cursando Direito. Entre março e novembro, escreve seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*.

1943

Em janeiro, é naturalizada brasileira. Onze dias depois casa-se com Maury Gurgel Valente. A editora *A Noite* publica *Perto do coração selvagem* com tiragem de mil exemplares.

1944

Muda-se para Belém e, seis meses depois, viaja para Nápoles, na Itália, para acompanhar o marido na carreira diplomática. No Brasil é divulgado o prêmio Graça Aranha por *Perto do coração selvagem*.

1945

O pintor italiano Giorgio de Chirico termina um retrato de Clarice e o poeta Giuseppe Ungaretti traduz alguns trechos de *Perto do coração selvagem* para a revista *Prosa*.

1946

Em abril retorna ao Brasil e publica seu segundo romance, *O lustre* (Agir). Ainda acompanhando o marido, muda-se para Berna, na Suíça.

escritores. Mas, ao passar por eles, é preciso considerá-las apenas como vestígios de uma identidade, traços de ‘ser quase’ Clarice, lembrando o que ela mesma certa vez contou a respeito de uma amiga sua: “[...] uma amiga minha foi tirar retrato de uma baiana, e ela não deixou: *Minha alma você não tira*”. Espécie de duplo de *Clarice: uma vida que se conta*, *Clarice fotobiografia*, da mesma autora, resgata os momentos mais marcantes da vida e da obra da escritora por meio de uma narrativa visual criada a partir da recuperação de imagens fotográficas de valor histórico inestimável, acompanhadas de legendas e textos explicativos.

Na área da imbricação entre pensamento filosófico e análise literária, talvez ninguém ainda tenha chegado tão longe na leitura global do universo ficcional de Clarice Lispector como o filósofo, crítico e professor paraense Benedito Nunes. O interesse dele pela escritora de quem viria a se tornar um dileto amigo surge, no âmbito do mercado editorial, em 1966, quando Nunes publica *O mundo de Clarice Lispector*. Quatro anos depois, “O mundo imaginário de Clarice Lispector” integra a coletânea de ensaios *O dorso do tigre*. Em 1973, ele publica *Leitura de Clarice Lispector*, cujos

textos parcialmente são aproveitados em *O drama da linguagem – uma leitura de Clarice Lispector*, publicado em 1989. (Vale notar que, no ano anterior, Nunes foi o responsável pela edição crítica de *A paixão segundo G.H.*, publicada pela ALLCA XX, da Université Paris X, em coedição com oito instituições estrangeiras.) Mais recentemente, a coletânea *A clave do poético* (2009), organizada por Victor Sales Pinheiro, reúne dois ensaios dispersos do crítico sobre aquela que se tornou para ele a escritora brasileira de predileção.

Em “A experiência mística de G.H.”, de *O dorso do tigre*, Benedito Nunes nos dá um excelente exemplo de como Clarice modificou as possibilidades de expressão da escrita literária no Brasil, obrigando em decorrência disso a crítica a renovar seus procedimentos estilísticos e formais, seu repertório cultural, sua perspectiva, enfim: “Em *A paixão segundo G.H.*, narrativa essencialmente dramática, não só pelo que possui de trágico, mas por se desenvolver em tom de apelo, de súplica, de confiança a um personagem oculto – a quem G.H. sente necessidade de relatar o que consigo ocorreu –, enfatiza-se a tendência de Clarice Lispector para a meditação e mesmo a ➡

1948

Nasce seu primeiro filho, Pedro, na Suíça.

1949

A cidade sitiada, terceiro romance da escritora, é publicado pela editora A Noite.

1952

Publica sua primeira coletânea de contos. Volta a colaborar com a imprensa e, a convite de Rubem Braga, assina como Tereza Quadros a página “Entre Mulheres” para o tabloide oposicionista *Comício*. Muda-se para os Estados Unidos.

1953

Em fevereiro, nasce em Washington seu segundo filho, Paulo. No ano seguinte, *Perto do coração selvagem* ganha tradução para o francês (Roinar Plon), tornando-se a primeira obra da autora a ser publicada em outro país.

1959

Separa-se do marido e volta ao Brasil com os dois filhos. Sob o pseudônimo de Helen Palmer, inicia coluna destinada ao público feminino no *Correio de Manhã*. Ao mesmo tempo, colabora com a revista *Senhor*.

DOSSIÊ | CLARICE LISPECTOR RARA E INÉDITA

especulação, já poderosamente afirmada em *A maçã no escuro*. A imaginação poética da romancista, que a intenção especulativa revigora, apropria-se de algumas intuições fundamentais, historicamente consagradas, do pensamento místico-religioso. São essas intuições que reaparecem, aqui e ali, perfeitamente assimiladas à sua experiência criadora, trazendo a marca pessoal que a escritora lhes imprimiu. Uma larga erudição, transformada em delicado didatismo, e uma clareza apurada no trato com a cultura levaram o crítico a ser o precursor entre nós da compreensão filosófica da obra de Clarice.

Gilda de Mello e Souza, até onde se sabe, dedicou dois únicos ensaios à obra clariciana, “O vertiginoso relance”, publicado em 1980 em *Exercícios de leitura*, e “O lustre”, que a revista *Remate de Males*, do Departamento de Teoria Literária da **Universidade de Campinas**, deu a conhecer em 1989. Trata-se, entretanto, de um caso em que a exiguidade do material crítico é inversamente proporcional à força de sua perscrutação analítica. No primeiro ensaio, Gilda dá plena vazão ao método analógico-performativo que desenvolveu junto à estética, à literatura, ao teatro, ao cinema, às

artes plásticas e à moda: “O que a romancista visa é apreender o instante exemplar, aquela ínfima parcela de duração capaz de iluminar com o seu sentido relevador toda uma sequência de atos; mas aprender a olho nu, sem subterfúgios, ‘num vertiginoso relance’. A sua técnica será assim bastante diversa da de outros criadores que, preocupados também com o momento significativo, dilatam-no, ampliam-no para melhor apreender-lhe o significado. É o caso de Eisenstein, no cinema, que nas cenas antológicas da escadaria de Odessa, em *O encouraçado Potemkin*, e da abertura da ponte, em *Outubro*, monumentalizou o instante, criando um tempo fictício e dramático. (...) Nada mais diverso da atitude orgulhosa de Clarice Lispector que, aceitando a aposta, se debruça atenta sobre o fluir do tempo, procurando sujeitar à palavra ‘esse instante raro’ – em que ‘ainda não aconteceu’, ‘ainda vai acontecer’, ‘quase já aconteceu’, afirma a professora e ensaísta, classificando Clarice como uma “romancista do instante”. Diferentemente dos romancistas do presente e da memória, Clarice, para Gilda, “tece toda a sua narrativa” com “o tempo escasso que medeia entre o ser e o nada”.

1960

Publica *Laços de família*, compilado de 13 contos (Francisco Alves). Assina, até o ano seguinte, a página feminina “Só para Mulheres” no *Diário da Noite* como ghost writer da atriz Ilka Soares.

1961

Em julho, lança *A maçã no escuro* (Francisco Alves) no II Festival do Escritor Brasileiro, no Rio de Janeiro. Recebe o prêmio Jabuti por *Laços de família*.

1964

Publica o romance *A paixão segundo G.H.* e a reunião de contos *A legião estrangeira*, ambos pela Editora do Autor.

1966

Após dormir com um cigarro aceso, provoca um incêndio em seu quarto. Fica em estado de coma por quatro dias e internada por dois meses. A parte do corpo mais afetada foi a mão direita.

1967

Publica seu primeiro livro para crianças, *O mistério do coelho pensante* (Rocco). A convite do jornalista Alberto Dines, começa uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*, publicada até 1973.

No âmbito da produção infantil da escritora, há que se destacar o ensaio de Vilma Arêas “Bichos e flores da adversidade”, publicado, em dezembro de 2004, na edição em homenagem a Clarice dos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, ensaio esse cujas ideias já haviam sido desenvolvidas pela autora em artigo publicado em 1997 na Revista da USP. Cotejando as narrativas que a escritora dedicou às crianças com a própria obra adulta, Vilma identifica algo da galinha retratada em *A vida íntima de Laura* na protagonista de *A hora da estrela*, estabelecendo entre elas uma tragicômica relação: “Apesar da graça e da comichidade clownesca, Laura, à semelhança de Macabéa, é descrita com grande empatia pela ficcionista, e do mesmo modo atinge o *pathos*: ela não confia em ninguém pois o mundo é adverso, e foge de qualquer um (...). Além desse desempenho tão pouco heroico, ao contrário do que se esperaria dos seres eleitos, Laura tem ‘um cheiro um pouco chato’ (...). A partir daí compreende-se que, apesar da plumagem e da capacidade de fazer ‘um ovo certo’, Laura não pode representar a integridade dos heróis”.

A leitura de alguns títulos que compõem a rica e extensa fortuna crítica de Clarice Lispector

EM “A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE G.H.”, DE *O DORSO DO TIGRE*, BENDITO NUNES NOS DÁ UM EXCELENTE EXEMPLO DE COMO CLARICE MODIFICOU AS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO DA ESCRITA LITERÁRIA NO BRASIL

pode – ao lado da própria obra clariciana, é claro – funcionar como uma espécie de antídoto contra a vida moderna, ameaçada de se deixar soterrar pelo maciço consumo de vulgaridade. Diante de um mundo em que a dor e a angústia estão cada vez mais dissimuladas por um linguajar de tipo mecânico, hipnótico, infantilizado, a escritura da autora convida o leitor ao confronto com sua condição, com a insensatez da realidade, com o medo, inclusive, da expressão que pode abrir demais e devassar o cofre das palavras, como ela mesma, por meio de seu humor tão peculiar, muito bem tentou alertar: “Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intacta. Pena que não sei fazer sapatos”. ■

1968

Participa, no Rio de Janeiro, de uma passeata contra a ditadura militar. Inicia, na revista *Manchete*, uma seção de entrevistas. Publica seu segundo livro infantil, *A mulher que matou os peixes* (Sabiá).

1969

Lança *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres* pela editora Sabiá, de Fernando Sabino e Rubem Braga.

1973

Publica *Água viva*, e uma compilação de contos *A imitação da rosa*, ambos pela Artenova.

1974

Publica *Onde estivesse de noite* e *A via crucis do corpo* (Artenova) e seu terceiro livro infantil, *A vida íntima de Laura* pelas editoras José Olympio e Sabiá.

1976

Pelo conjunto da sua obra recebe o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal. Começa a escrever *A hora da estrela*.

1977

No mês de outubro, publica *A hora da estrela* pela José Olympio. Morre, no dia 9 de dezembro de 1977, vítima de câncer.

FONTE Clarice fotobiografia, Nádia Battella Gotlib (Edusp/ Imesp)